

A FORMA DO MEDO* (1926)¹

W. E. B. Du Bois²

Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor

Confrontados pela Ku Klux Klan, os Estados Unidos têm tentado extingui-la rindo dela. Nós temos falado de como se disfarçam “em lençóis e fronhas”; nós temos caricaturado a Klan nos palcos,

* A palavra *shape* surge como verbo na língua inglesa apenas por volta de 1500. Os significados, em diferentes línguas, das palavras que originaram o verbo *shape* eram: “to create, form” (Inglês antigora), “create, ordain” (Protogermânica), “shape, create, produce” (Alto-alemão antigo). Respectivamente significam: “criar, dar forma a”, “criar, ordenar”, “formar, criar, produzir”. No inglês americano, a partir de 1864, a palavra *shape* adquire o significado de “condition, state”, isto é, “condição, estado”. Assim, no português, não há uma palavra única que abarque todos os significados de *shape*: verbo (1 – caráter: influência na forma de algo ou alguém; 2 – forma: moldar, configurar, criar); substantivo (1 – forma: forma externa, figura; 2 – caráter: ordenamento; 3 – condição: estado). Escolhemos a palavra *forma* para esta tradução, mas é importante considerarmos os diversos significados que *shape* adquire e que, por sua vez, são mobilizados ao longo do texto por Du Bois. Consulta disponível em: [☞ ☞](#) - NT.

1 “The Shape of Fear”, *The North American Review*, v. 223, n. 831 (1926), pp. 291-304. Tradução de Isabela Vicente Monti, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/UNICAMP).

2 Na década de 1920, já aos cinquenta anos de idade e impactado pelos acontecimentos políticos e econômicos de seu tempo, como o advento da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Revolução Russa (1917), Du Bois passa a tecer críticas incisivas ao capitalismo global e ao “mundo branco”, enfatizando que o racismo foi um dos principais sustentáculos da modernidade. Enquanto um dispositivo econômico, jurídico-político e ideológico, o racismo teria sido acionado pelas grandes potências ocidentais para recolonizar diversos países da África e da Ásia. Sob esta perspectiva, o autor redige o texto aqui traduzido. Nele, Du Bois foi capaz de antever que, assim como alemães foram transformados em bárbaros e estupradores na época da Primeira Guerra Mundial e, ainda, assim como negros eram constantemente transformados em estupradores e estúpidos, em um futuro próximo, latinos, europeus do sudeste, turcos e outros asiáticos poderiam ser transformados em “raças inferiores e sem leis” mediante a instrumentalização do medo pela política da guerra e pelo nacionalismo bélico e agressivo. “The shape of fear” apresenta, assim, as contribuições da sociologia du boisiana para a compreensão dos nexos existentes entre o medo e a política, enfatizando a maneira pela qual o medo cria geometrias políticas e a política, por sua vez, tem a potência e a possibilidade de permanentemente criar novos medos - NT.

nós temos exposto seus métodos fúteis, a desonestidade de alguns de seus líderes e afins. Mas, nós não conseguimos afugentá-la pelo ridículo. Ela está aí. É um fato, e aqueles que não desejam acreditar no significado ameaçador da sua existência deveriam ir ao cinema mais próximo e ver a marcha de Washington, aquela tremenda onda de anfitriões, trajados de branco e encapuzados, se não mascarados.³

É totalmente irrelevante comparar a atual Ku Klux Klan com a Ku Klux Klan dos dias da Reconstrução. Elas não têm nada em comum exceto seu lugar de nascimento e seus métodos. A Klan atual é um movimento diferente daquele da antiga Klan. Ela simplesmente fez do nome do antigo movimento o seu presente ponto de partida.⁴

Até o ano passado eu estava dentre aqueles levemente entretidos pela KKK. Parecia para mim incrível que em 1925 tal movimento pudesse atrair qualquer número de pessoas ou se tornar realmente sério. E então, em primeira e segunda mão, eu vi a Klan e seus mecanismos em lugares muito diferentes. Eu estava palestrando em Akron, Ohio. Hoje, Ohio é um daqueles estados em cujo americanismo essencial e devoção aos mais finos ideais da democracia eu apostei há muito tempo. Ali, no Centro Oeste, aquela delicada flor da democracia, nascida na Nova Inglaterra e posteriormente sufocada pelo industrialismo do Leste, tinha, a meu ver, ido para o replantio e a renovação. Eu esperava que a sanidade nos Estados Unidos viesse de um apelo democrático ao Centro Oeste. No entanto, lá em Akron, na terra de Joshua R. Giddings,⁵ na reserva do Oeste, encontrei a Klan,

3 A Marcha de Washington ocorreu em 1925 e reuniu mais de 30 mil membros da Ku Klux Klan - NT.

4 Entre as décadas de 1920 e 1930, a Klan passou por uma acelerada expansão, apesar das variações locais e estaduais, chegando a possuir mais de 4 milhões de membros. Para distintos autores, a Klan que emerge na era pós-guerra é distinta da organização racista e terrorista que existiu durante o período da Reconstrução norte-americana. A cerimônia de queima da cruz, realizada pela primeira vez em 1921, pode ser considerada o marco responsável por caracterizar a distância que a nova organização tomava com relação à antiga Klan. Gerald Horne, *W.E.B. Du Bois: a biography*, Santa Barbara: ABC-Clio, 2010. Wyn Craig Wade, *The Fiery Cross: The Ku Klux Klan in America*, Oxford: Oxford University Press, 1998 - NT.

5 Proeminente advogado conhecido por sua postura contrária à escravidão - NT.

calma e abertamente no controle. O líder da Klan local era presidente do Conselho de Educação e havia estado, recentemente, tremendamente ocupado em expulsar um judeu das escolas públicas. O prefeito, o secretário da Y.M.C.A.,⁶ homens proeminentes em muitas áreas da vida, eram ou declaradamente membros da Klan ou simpatizantes secretos. Eu estava muito atônito para falar. Em outras partes de Ohio, Illinois e Indiana, encontrei um cenário semelhante.

Não estou dizendo que a Klan era triunfante em todos os lugares, mas ela estava lá; era influente; reconhecida; importante.⁷ Novamente, e mais a Oeste, o trabalho da Klan tem aparecido. Hoje encontra-se sob prisão em Detroit, Michigan, um jovem médico de cor, bem preparado e bem sucedido; sua esposa, arrancada de seu filho menor, e nove de seus amigos; e eles estão em julgamento por assassinato em primeiro grau porque eles atiraram na manifestação que tentava expulsá-los de suas próprias casas e que, poucos meses antes, havia expulsado outro médico negro e destruído seus móveis. Essa manifestação estava lá porque a Ku Klux Klan a suscitou e a enviou. A Ku Klux Klan é tão poderosa naquela

6 Acrônimo para *Young Men's Christian Association*, fundada em Londres, no ano de 1844.

7 Tamanha era a ascensão da Ku Klux Klan que, em 1926, os editores da *The North American Review* disponibilizam um espaço na revista para que fossem discutidas, de modo abrangente e nacional, as posições favoráveis e contrárias à Ku Klux Klan e, ainda, qual o lugar desta organização no interior das instituições americanas. O “mago” superior representante da ordem, Hiram Wesley Evans, publicou na edição de maio da revista o texto intitulado *The Klan's Fight for Americanism*. Nele, Evans enfatiza que a Klan era a organização responsável por expressar os desejos dos verdadeiros americanos. Trata-se, de fato, de mulheres e homens brancos, protestantes e de descendência europeia ocidental que, por sua vez, deveriam estar aptos para cumprir com o seu destino nacional. Abertamente, o texto de Evans justificava o armamento dos membros da Klan e as suas ações criminosas mediante a afirmação de que os verdadeiros americanos, em cruzada pelo americanismo, deveriam se proteger contra os inimigos internos que invadiram a Nação e que estavam corrompendo os seus valores, os seus costumes e as suas tradições. Esses inimigos internos, a saber, os negros, judeus, imigrantes, comunistas e a própria igreja católica, estariam roubando os empregos dos americanos de cepa e promovendo a progressiva transformação de sua moralidade, de sua educação, de sua conduta social e, no limite, de sua civilização. Contra as afirmações de Evans, Du Bois redige *The shape of fear*. Hiram W. Evans, “The Klan's fight for Americanism”, *North American Review*, n. 223 (1926), pp. 33-63. ☒ Brian R Mcgee, “Speaking about the other: W. E. B. Du Bois responds to the Klan”, *Southern Communication Journal*, v. 63, n. 3 (1998), pp. 208-219. ☒ - NT.

cidade – que, de certa forma, é a mais relevante das cidades americanas –, que o prefeito está abertamente apelando contra as suas atividades.⁸

Ademais, a Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor realizou seu encontro anual em maio de 1925, em Denver, e diante dela apareceram dois oradores: primeiro, um pequeno homem, ansioso e de fala estridente. Ele era, sem dúvida, uma entre as dezenas de figuras notáveis que a América deu para o mundo: Ben Lindsay, o criador do Tribunal Infantil. O outro tinha sido um dos mais bem-sucedidos e eruditos governadores na América. E ainda assim eles se levantaram em defesa própria, defendendo a si próprios contra esta cidade e este estado; e a grande, sombria, ameaçadora coisa que os afastou da elevação social e da reforma política foi a Ku Klux Klan.

No Leste, Nova Inglaterra e Nova Jersey, a Klan tem sido mobilizada. É preciso que alguém mencione o Sul?

Qual é a causa de tudo isso? Poucas dúvidas podem restar de que a Klan, em sua atual forma, é um legado da Guerra Mundial.⁹ O que quer que houvesse dela antes daquela grande catástrofe era negligenciável e efêmero. O preço da Guerra é o Ódio;¹⁰ e o Fim, assim como o Início, do Ódio é o Medo. O mundo civilizado hoje e o mundo semicivilizado e não civilizado estão desesperadamente assustados. A Forma do Medo paira sobre eles. A Alemanha teme o Judeu; a Inglaterra teme o Indiano; a América teme o Negro; o Cristão teme o Muçulmano; a Europa teme a Ásia; os Protestantes temem os Católicos; a Religião teme a Ciência.

8 Entre junho e dezembro de 1919, mais de 25 distúrbios raciais aconteceram em cidades americanas, sobretudo em Washington, D.C. e Chicago. Neste mesmo ano, ocorreram 74 linchamentos de homens negros, incluindo veteranos da guerra em seus uniformes. Mais de 3.600 greves trabalhistas foram denunciadas e atribuídas a comunistas que, supostamente, estariam usando as greves para derrubar o governo dos estados. Para completar o quadro conjuntural norte-americano do período, entre os anos de 1900 e 1920, mais de 14,5 milhões de imigrantes chegaram ao país, vindos do Leste e do Sul da Europa e passando a competir com brancos e negros por postos de trabalho. Wyn Craig Wade, *The Fiery Cross* - NT.

9 Du Bois refere-se à Primeira Guerra Mundial - NT.

10 As iniciais das palavras redigidas em maiúsculo ao longo da tradução seguem o modelo original publicado por Du Bois - NT.

Acima de tudo, a Riqueza teme a Democracia. Esses e outros são medos seculares, ou, pelo menos, medos de longa data. Mas eles são renovados e ressuscitados hoje porque o mundo tem no presente um caso severo de nervos; parece ser necessário estar nervoso porque o Inesperado aconteceu.

Por anos, nós falamos da possibilidade de Guerra Europeia segurando nossa respiração; depois, passamos a falar sobre isso despreocupadamente; e então, quase fizemos piada a respeito. Enquanto aqui havia um Medo, ele estava tão distante que não parecia possível que um dia se materializasse, pelo menos não nos nossos dias. E então subitamente tornou-se um terrível fato, horrível para além dos sonhos dos homens, de modo que todos os nossos outros medos hoje se tornaram potenciais presságios. Abd-el Krim¹¹ pode estar na vanguarda da investida da Ásia contra a Europa; Ghandi e Das podem estar a ponto de destruir o Império Britânico; o negro americano, a despeito de todas as precauções, pode se forçar a um lugar em que ele vai entrar no Congresso, tumultuar Wall Street e se casar com mulheres brancas.¹²

Agora, contra medos como esses, há três atitudes possíveis. Uma é a atitude do raciocínio e da avaliação. O que significa a agitação no mundo de cor e em que medida nosso medo dela não é senão um reflexo do medo que ela tem de nós? O que o povo de cor realmente quer, e seus desejos interferem e se opõem aos desejos justos do mundo branco? Até onde a investigação científica livre irá minar a sanção religiosa? O que

11 Muhammad ibn Abd al-Karim, membro da resistência à dominação espanhola no norte de Marrocos - NT.

12 Durante a década de 1920, Du Bois passou a denunciar o fracasso da democracia racial americana e de suas instituições democráticas que, ao invés de constituírem-se como um mecanismo capaz de promover a fraternidade entre os homens, se consolidaram apenas como um exemplo de erros e falhas, sobretudo no que diz respeito aos negros e outros grupos raciais minoritários. Em diversos de seus escritos, como, por exemplo, no livro *Darkwater*, o sociólogo assinala a possibilidade objetiva de as raças até então subjugadas pelos norte-americanos brancos se revoltarem e revidarem os séculos de exploração e violência. Tal compreensão passou a ecoar com maior intensidade no período que sucedeu a primeira guerra, quando os homens brancos facilmente poderiam cometer atos violentos ao encontrarem um afroamericano de uniforme. Nancy Maclean, *Behind the mask of chivalry: The making of the second Ku Klux Klan*, Nova York: Oxford University Press, 1994. William E. B. Du Bois, *Darkwater: Voices from within the Veil*, New York: Harcourt, Brace and Company, 1920 - NT.

há nos assuntos dos Bolcheviques que não deveria aparecer nos assuntos dos reformadores sociais americanos? Essas questões indicam uma atitude mental, moral e prática, em direção a grandes questões pendentes; mas não é a atitude que estamos dispostos a tomar hoje no mundo.

Pelo contrário, o nosso perigo parece tão iminente para algumas pessoas que elas se voltam para um dentre dois outros métodos. Ambos são formas de Força; em um, há um apelo aberto à força: Fascismo, tanto na sua forma física, ousada, como tem aparecido na Itália e na Espanha, quanto na sua forma espiritual, como aparece no Fundamentalismo americano; na determinação de expulsar da Igreja toda pessoa que não subscreverá honestamente ou por falso juramento a um certo credo restrito, ultrapassado e parcialmente falso.

O outro método é o método da Força que se esconde em segredo, e esse é o método da Ku Klux Klan. Esse é um método tão antigo quanto a humanidade. É o tipo de coisa que os homens têm receio ou vergonha de fazer abertamente durante o dia, e fazem secretamente, mascarados e à noite. O método tem certas vantagens. Utiliza o Medo para expulsar o Medo; ousa fazer coisas às quais outros métodos abertos hesitam; pode, com certa impunidade, atacar o grande e o pequeno; não precisa hesitar ao mutilar ou assassinar; protege-se na mente da massa para, em seguida, atirar sobre todos um véu de escuridão que se torna fascínio. Atrai as pessoas que não poderiam ser alcançadas de outras formas. Tira proveito da massa.

Como é que homens que desejam certas coisas que se realizam pela força bruta podem, tão frequentemente, depender da massa? Depravação total, ódio humano e *shadenfreude*,¹³ não explicam completamente o espírito da massa neste mundo. Perante os olhos selvagens da massa está sempre a Forma do Medo. Por trás dos demônios de olhos cruéis que se contorcem e berram, que quebram, destroem, mutilam, lincham e queimam nas estacas, existe um núcleo, grande ou pequeno, de seres humanos normais, e esses seres humanos estão, em seu íntimo, desespera-

13 Expressão de origem alemã que pode ser interpretada como “prazer perverso” - NT.

damente com medo de algo. De quê? De muitas coisas, mas, geralmente, de perderem seus empregos, sua posição social, de serem degradados ou, na verdade, desgraçados; de perderem suas esperanças, suas economias, os planos para os seus filhos; da verdadeira dor da fome; da sujeira, do crime. E dentre tudo isso, o medo mais ubíquo na sociedade industrial moderna é o do desemprego.

É este núcleo de homens comuns que continuamente dá à massa seu ímpeto inicial e terrível. Ao redor deste núcleo, certamente, se reúne, como numa bola de neve, toda espécie de destroços, sujeira e refugo humano e todas as inibições do álcool e do costume vulgar. Mas tudo isso é o horrível disfarce deste núcleo interno de Medo.¹⁴

Como, então, a massa será enfrentada e reprimida? Se ela representa a opinião pública, ainda que uma opinião pública passageira, impetuosa, ela não pode ser permanentemente reprimida pela polícia que a própria opinião pública designa e paga. Três métodos para reprimir a massa estão disponíveis, de forma análoga às três atitudes observadas acima: o primeiro, provando ao núcleo humano e honesto que o Medo é falso, infundado e desnecessário; ou o segundo, se o Medo for real ou se for aparentemente ou parcialmente real, atacando abertamente a fonte do Medo, seja pelo poder policial organizado ou por meio de uma Guerra Civil, como fizeram Mussolini e George Washington; ou, o terceiro, por meio de caminhos secretos, escondidos e clandestinos: o método da Ku Klux Klan.

Por que não escolhemos o primeiro caminho? Porque este é um mundo que acredita na Guerra e na Ignorância e não tem nenhuma esperança em nossos dias de construção de uma maioria inteligente de homens e de Paz na Terra. Existem muitas, muitas exceções, mas, no geral, a verdade é que dificilmente haverá um bispo na Cristandade, um padre em Nova

14 Ao observar a aceleração do industrialismo moderno competitivo e concorrencial e atentar para os nexos entre a dinâmica de produção capitalista e o racismo, Du Bois atribuiu sobretudo às causas econômicas o profundo medo que os norte-americanos sentiam. Fato é que a maioria dos membros da Klan não era composta por grandes proprietários ou pequeno-burgueses, mas, sobretudo, por trabalhadores comuns. Maclean, *Behind the mask* - NT.

Iorque, um presidente, governador, prefeito ou legislador nos Estados Unidos, um professor universitário ou de escola pública que não defenda, no fim das contas, a Guerra e a Ignorância como o método principal para a resolução dos nossos urgentes problemas humanos. E isto apesar do fato de que eles podem negar com suas próprias bocas tal defesa todos os dias.

Mas, uma vez mais, uma guerra civil aberta como a da Itália é custosa e difícil de controlar. O Direito para o qual ela ambiciona deve se fazer óbvio, mesmo que esteja Errado. Em 1918, a fim de vencer a guerra, *nós tivemos* que transformar alemães em Bárbaros e estupradores. Hoje, *nós temos* que transformar os negros em estupradores e estúpidos. Amanhã, *nós teremos* que tornar latinos, europeus do Sudeste, turcos e outros asiáticos em “raças inferiores e sem lei”. Alguns parecem hoje enxergar o anticristo no Catolicismo, e nos judeus, conspiradores internacionais do Protocolo.¹⁵ Mesmo que essas coisas fossem verdadeiras, é difícil apresentar claramente a verdade perante a massa ignorante e guiá-la para a destruição do mal. Mas, se esses fatos fossem parcialmente verdadeiros ou totalmente falsos, a massa só poderia ser agitada por mentiras indiscriminadas, e isso é custoso; ou por sussurros secretos clandestinos, os métodos da noite e da máscara, a psicologia do vago e do mal desconhecido, a insinuação que não pode ser respondida.

Agora, existem duas coisas que se destacam nessa explicação sobre a massa e a Klan. Primeiro, o duplo letramento de nossos líderes em religião e em elevação social; e segundo, esse medo de perder empregos. Dayton, Tennessee, trouxe o primeiro vividamente para as nossas mentes. Ouvimos, repentinamente, pessoas falando um *patois*¹⁶ religioso que até mesmo o povo instruído quase havia esquecido: Verdade Bíblica, o Plano de Salvação, o Sangue de Cristo. E, de repente, começamos a ver

15 Durante o século XX, propagou-se na Europa a ideia de que os judeus conspiravam para dominar o mundo. O livro *Os Protocolos dos Sábios de Sião* foi forjado enquanto o documento que supostamente comprovaria tal conspiração - NT.

16 Historicamente, a palavra de origem francesa foi utilizada no sentido pejorativo, contudo *patois* pode significar uma fala ou uma linguagem oral nativa ou restrita a certa localidade/grupo de pessoas - NT.

que resultados a ignorância generalizada da ciência moderna não apenas trouxe, mas poderia trazer sob a liderança de demagogos. Isso nos trouxe uma sensação arrepiante de assombro.

Mas a quem devemos culpar? Manifestamente, não aos agricultores e lojistas do Tennessee, mas a aqueles líderes intelectuais dos Estados Unidos que se dispuseram a aderir a um dogma religioso ao qual eles não acreditavam honestamente, mas que, no entanto, estavam dispostos a fazer a massa de pessoas pensar que eles acreditavam. Existe alguma maneira mais segura de destruir a capacidade do Homem Comum de pensar com clareza e argumentar logicamente? E, para parar até mesmo o seu empenho em pensar, vem o Fundamentalista; e sua resposta à Ciência é o Dogma; e sua razão para levar isso adiante é, novamente, não o ódio perverso à Verdade, mas a Forma do Medo. O religioso dos dias de hoje vê as sanções de conduta moral sendo destruídas e varridas para longe, ridicularizadas e caricaturadas. Como ele enfrentará essa coisa maligna? Ele pode fazer isso pela inteligência, pela argumentação e pela persuasão ou ele pode fazer isso pelo dogma que é a violência espiritual de massa; hoje ele está escolhendo a massa.

Ou ainda, por que isso ocorre em um país rico como os Estados Unidos – em muitos aspectos a organização mais rica e próspera do mundo – e temos continuamente massas lutando e fazendo coisas inexprimíveis porque, no fundo, os homens têm medo de serem incapazes de conquistar uma vida respeitável? A resposta é que a nossa prosperidade do pós-guerra se baseia mais na jogatina do que na indústria produtiva honesta. A jogatina foi o resultado da guerra, nascida nos tempos da guerra e proveniente da súbita demanda por bens e maquinarias técnicas, que pagou aqueles que por acaso detinham enormes rendas marginais. A oportunidade para o jogador, o promotor e o manipulador da indústria surgiu durante a reconstrução depois da guerra, no monopólio de terras e casas, na manipulação do poder industrial, no uso de novas invenções e descobertas, na reorganização da propriedade corporativa.

Nós temos hoje nos Estados Unidos, lado a lado, Prosperidade e Depressão. Depressão entre aqueles que estão vendendo os seus serviços, coletando matéria-prima e manufaturando bens; prosperidade entre aqueles que estão manipulando preços, monopolizando terras e financiando a capacidade de produção.

Como devemos enfrentar essa situação? Mais uma vez voltamos aos três caminhos: primeiro, e principal, o da disseminação de uma compreensão mais ampla e profunda entre as massas dos homens do processo industrial moderno e do modo de distribuição de renda, para que inteligentemente nós possamos atacar a Produção e a Distribuição e refazer a sociedade industrial. Segundo, o do clamor público e da propaganda para conter todo criticismo e todo desejo por mudança, apelidando todo reformista de “Bolchevique” e ameaçando o assalariado com a perda da própria fonte de seu salário. E esse é o tipo de ataque que novamente adentra facilmente os cursos clandestinos sussurrantes e tentam salvar a indústria moderna através de articulações em massa projetados pela secreta Ku Klux Klan.

Não poderia ilustrar melhor o que quero dizer do que por meio de um caso real. O mundo esqueceu Mer Rouge¹⁷ – o Mar Vermelho de Louisiana, onde há alguns anos uma terrível série de assassinatos foi atribuída a Ku Klux Klan. Foi uma história tão horrível que nós nos apresamos em esquecê-la mesmo antes de entender o que havia acontecido. Mas ela merecia reflexão e compreensão inteligente.

O solo de algodão e açúcar dos vales do Mississipi e do Rio Vermelho formam uma junção na Louisiana. É um trecho delimitado ao Sul pelo cenário da Cabana do Pai Tomás, ao Norte pelos motins de Helena e ao Leste por aquele pedacinho de inferno que é chamado, às vezes, de Delta do Mississipi. No centro deste distrito, no nordeste da Louisiana, está *Morehouse Parish* e, no meio de *Morehouse Parish*, está o Mer Rouge. Mer Rouge tem os problemas peculiares de uma vila

17 Trata-se de uma vila localizado no Estado da Louisiana, nos Estados Unidos - NT.

localizada no Cinturão Negro.¹⁸ É governada pelos brancos e, uma vez que os brancos devem permanecer unidos como governantes, há entre eles um senso extremo de igualdade social que mesmo a riqueza e a educação não podem romper completamente. Eles vão às mesmas igrejas e ali encontramos o centro de suas vidas sociais. Eles mandam seus filhos para as mesmas escolas, com exceção dos poucos que vão para internatos. Tudo isso funciona muito bem, desde que o caráter da classe branca dominante seja essencialmente homogêneo. Mas hoje uma mudança está ocorrendo em *Morehouse Parish*. Há cerca de vinte mil habitantes lá. A população branca aumentou de cinco para seis mil nos últimos dez anos, enquanto a população negra diminuiu de catorze para treze mil. Isso ocorreu devido à migração de trabalhadores negros para a cidade e para o norte, de modo que, em vez de se ter $\frac{3}{4}$ de negros, hoje se tem apenas $\frac{2}{3}$ de negros na vila. Para substituir esses migrantes negros, os brancos pobres que vivem nos arredores começam a fazer pressão. Eles vêm especialmente de uma província pobre diretamente para o leste, onde há uma maioria de brancos pobres e esses recém-chegados trazem problemas, problemas de tumulto, de bebida, de jogatina e de mulheres rebeldes.

Agora Mer Rouge tem tradições da época em que a população branca era composta por grandes proprietários de terras protegendo suas mulheres em casas primorosas e possuindo um pretensioso código social. Esses brancos mais novos e mais pobres, ao chegarem, não trouxeram apenas um tom moral inferior, mas também uma nova condição econômica. Eles se tornaram fazendeiros arrendatários, de modo que entre 1900 e 1920, ocorreu um aumento de mais de um terço dos arrendatários. Mas os grandes latifundiários ainda permanecem em ascensão, duzentos e cinquenta deles com fazendas de cem a mais de mil acres, com safras avaliadas em dois milhões e meio de dólares por ano, principalmente de algodão, milho e cana de açúcar. Além disso, o valor da terra aumenta rapidamente. Ele

18 No texto original, Du Bois utiliza a expressão *Black Belt*, para designar uma área geográfica localizada no Sudeste dos Estados Unidos que é habitada, em sua maioria, por afroamericanos - NT.

se duplica a cada dez anos desde 1900. Então também, para complicar ainda mais a situação, há um pequeno número de fazendeiros negros que possuem suas próprias terras, cerca de 231 ao todo, em comparação com os 250 brancos proprietários de grandes terras e os 119 pequenos proprietários brancos. Pode-se observar facilmente a grande e amarga rivalidade entre os brancos proprietários ricos e os pobres, entre os proprietários e os arrendatários, entre os proprietários brancos e os negros e, esmagada abaixo de todos estes, está a massa dos arrendatários negros. Esses arrendatários são ignorantes: 40% deles reconhecem que não sabem ler ou escrever e, na verdade esse número deveria provavelmente ser 60% ou 70%. Não existe um sistema salarial moderno, mas quase tudo é permuta e trabalho por dívida. A vila reportou apenas cem dólares por ano em salários para cada trabalhador, e isso incluía tanto os trabalhadores brancos quanto os de cor.

Aqui então nós temos o cenário. Aqui está a pequena cidade de Mer Rouge, que se propõe a barrar a crescente ilegalidade entre os brancos e a quebra das convenções sociais. Será que ela deveria apelar abertamente para as urnas? Certamente não. Existem 6.524 negros com idade para votar e apenas três mil brancos; mas é claro que não há questão em Mer Rouge sobre o homem negro votando. Pouco mais de mil Negros proprietários de terras sabem ler e escrever, mas eles não podem votar. As mulheres brancas também, apesar da lei, são privadas de seus direitos, de modo que a população votante é composta por cerca de 1.500 homens brancos, e entre estes estão os novos arrendatários brancos, lojistas, artesãos e pequenos proprietários de terra brancos, ou em outras palavras, os recém-chegados sem lei e maleáveis poderiam somar mais votos do que toda a aristocracia.

Mer Rouge, portanto, recorreu a Ku Klux Klan e, posteriormente, quando o assunto veio à tona, defendeu-se afirmando com indubitável convicção que a Ku Klux Klan era uma organização composta pelos melhores elementos da comunidade e que eles estavam tentando derrubar o pior, acreditando que poderiam realizar secretamente e pela força

o que eles não poderiam fazer abertamente nas urnas. Foi natural para eles chegar a essa conclusão. Segredo, força e assassinato têm sido parte da economia social do Cinturão Negro há cinquenta anos. Os proprietários viviam com as suas mãos no gatilho. Outrora, isso acontecia por medo de uma revolta servil ou da simples alusão à ela. Esse medo ainda está aqui; mas, somado a ele existe um outro medo, e esses homens não hesitaram. Eles estavam acostumados a fazer justiça com as próprias mãos. Enfrentam problemas sociais desconcertantes. Um rosto branco não é mais uma insígnia da aristocracia. Uma mulher branca pode ser rival de uma concubina negra. Anteriormente, as relações entre homens brancos e mulheres de cor eram abertas e complacentes. O filho do xerife foi recentemente morto na cabana de uma mulher de cor. A distribuição do sexo é também esclarecedora: mais mulheres de cor do que homens de cor e 11% mais homens brancos do que mulheres brancas. A isso somam-se contrabandistas e as mulheres brancas promíscuas; não há lugar, nem tratamento para eles. Mulheres negras, por mais decentes que sejam, sempre podem ser tratadas como prostitutas; mas, a menos que as prostitutas brancas sejam tratadas como damas, todo o esquema de supremacia branca falha.

Tudo isso leva logicamente, como pensava Mer Rouge, a uma solução: contrabandistas, viciados em jogatinas e mulheres promíscuas, deveriam ser expulsos pela Ku Klux Klan. Mas eles calcularam mal. Os novos brancos revidaram. Eles não se assustaram com os capuzes e as camisolas. O resultado foi espantoso. Sequestro, chicotadas, assassinato quase em massa e torturas que envergonhariam até mesmo a Idade Média: uma atmosfera de terror, ódio e rixa que capturou a atenção do mundo. E no meio de tudo isso, os negros, rebanho conduzido que forma 68% da população, eram ignorantes.

Aqui estavam homens brancos com medo da degradação; aqui estavam homens brancos com medo da fome; aqui estavam homens negros com medo da fome e homens negros com medo da morte. E aqui estava o secreto juramento da meia-noite e o assassinato buscando endireitar tudo.

Tais eram os elementos que faziam a secreta lei da massa: rivalidade econômica, ódio racial, ódio de classes, rivalidade sexual, dogmatismo religioso e, antes de tudo, a Forma do Medo. Por anos e séculos esse método de segredo organizado, juramento às ações sem limites e impiedosas, tem sido usado para realizar certas coisas. Fortes argumentos têm sido mobilizados para defendê-lo e devemos admitir que se pode facilmente encontrar circunstâncias em que o único modo de assegurar a sobrevivência de determinadas ideias e ideais seria forçando-os por meio do sigilo e da furtividade.

Mas estamos preparados para dizer que esse é o caso na primeira metade do século vinte? Podemos admitir isso por um momento? Não seria esse pensamento um monstruoso ataque a tudo aquilo que a civilização e a religião realizaram?

Afinal, o que há de verdade por trás daquilo que a Klan ataca? E, talvez, primeiro, o que é que a Klan ataca? Não vou parar para discutir isso. Simplesmente cito, de seu próprio formulário, sete das vinte perguntas que devem ser respondidas para se tornar um membro: “7. – Seus pais nasceram nos Estados Unidos da América?” “8 – Você é Gentio ou Judeu?” “9. – Você é da raça branca ou de alguma raça de cor?” “13 – Você acredita na Supremacia Branca?” “15 – Qual a sua fé religiosa?” “17 – De qual fé religiosa os seus pais são?” “20 – Você deve ALGUM TIPO de lealdade a qualquer nação, governo, instituição, seita, povo, governante ou pessoa estrangeira?”

Aqui, então, está claramente a base para a oposição aos nascidos no estrangeiro, aos judeus, às raças de cor e à Igreja Católica. Não sou eu quem deve defender Católicos ou Judeus. A Igreja Católica e a civilização europeia moderna são, em grande parte, sinônimos, e atacar uma é acusar a outra. Para aqueles que se dizem seguidores de Jesus Cristo e adoradores do Antigo Testamento, injuriar a cultura hebraica é imprudente demais para se pôr em palavras. Mas nessa combinação maluca de ódios gerados pela Ku Klux Klan (tão ilógica que em qualquer país inteligente isso seria retirado da corte aos risos), está incluso o negro

americano. Qual é a acusação contra ele? Ele era um escravo. Ele é ignorante. Ele é pobre. Ele carrega os estigmas da pobreza e da ignorância – isso é um crime. Ele ri e canta e dança. Ele é negro. Ele não é de todo negro. A própria declaração de tal acusação soa como indiciar as cinzas por fazerem o fogo. A verdadeira acusação contra o negro é o medo de que a América branca, com suas estruturas atuais, não será capaz de manter o povo negro por baixo. Eles estão conseguindo igualdade com uma rapidez surpreendente. Nem caricatura nem desprezo, estupro de mulheres ou insulto às crianças, assassinatos ou queima na fogueira, têm conseguido intimidar esse grupo extraordinário.

Contra este grupo, raciocínio aberto e argumentação têm sido empregados, mas eles têm falhado em convencer até mesmo aqueles que os empregam. Isso foi acompanhado por propaganda; e a propaganda que enfatiza “raça”, características “raciais”, inferioridade “racial”. Trata-se de uma propaganda que, de acordo com todos os ditames científicos modernos, não é nem confiável e nem verdadeira. Ainda assim, esses termos florescem e são ensinados em escolas e faculdades; eles aparecem em livros e palestras e eles são utilizados devido ao papel que os homens desejam que cumpram, a saber, o contínuo medo e ódio pelo povo negro, ao invés daquela retomada natural de simpatia e admiração que o seu trabalho de meio século merece.

Mas, como eu disse, nem mesmo essa propaganda obteve sucesso. O que vem a seguir então? Em seguida vem a Ku Klux Klan. Em seguida vem a liderança de massa e a perpetração da indignação por forças secretas, ocultas e clandestinas. E o perigo e a vergonha não estão tanto no movimento em si quanto na ampla tolerância e simpatia que seus métodos evocam entre americanos educados e decentes. Essas pessoas veem na Ku Klux Klan um modo de fazer e dizer o que elas mesmas têm vergonha de fazer e dizer. Vá para qualquer cidade do Oeste de Pittsburgh até o Kansas: “A Klan? Tolicie – Mas! – Você vê esses Católicos, ricos, poderosos, silenciosos, organizados. Encurralaram todos os estrangeiros – Eu não sei. E os Judeus – os Judeus dominam o país. Eles estão tentando governar o mundo.

Eles são demasiado espertos, intrometidos, impertinentes. E *niggers!* E isso não é tudo. Italianos, Japoneses; e então a *Rússia!* Eu digo a você que nós *devemos* fazer algo. A Klan? – Tolice, claro – *mas*”.

Assim, a Ku Klux Klan está fazendo um trabalho que o povo americano, ou certamente uma parte considerável dele, deseja que seja feito; eles querem que seja feito porque como nação eles têm medo do judeu, do imigrante, do negro. Eles percebem que o americano descendente do inglês não está se segurando fisicamente e espiritualmente neste país; que a América sobrevive e floresce por causa do imigrante estrangeiro com seu braço forte, sua vida simples, sua fé e esperança, sua música, sua arte, sua religião. Eles percebem que nenhum grupo nos Estados Unidos está trabalhando com tanto afincamento para se lançar para frente e para cima quanto os negros; e sob tudo isso surge a Forma do Medo.

O pior aspecto de tudo isso é que recorrer ao método clandestino implica em uma rendição consciente da Verdade. Ele deve basear-se em mentiras. Uma das maiores dificuldades em mensurar o poder e a disseminação da Ku Klux Klan consiste no fato de que seus membros evidentemente se comprometem a mentir. Eles são obrigados a negar sua participação na Klan; eles são obrigados a negar sua participação em algumas de suas ações; eles são obrigados, acima de tudo, a manter em segredo ainda que parcialmente, as reais questões e desejos da Klan. Agora, a mentira tem sido frequentemente usada no avanço da cultura humana, mas é uma arma extremamente perigosa, e certamente vivemos acima da necessidade dela nos dias de hoje.

Conseqüentemente, nosso maior temor em qualquer movimento clandestino da Ku Klux Klan, a coisa que a torna muito mais temível do que qualquer outra acusada de Bolchevismo ou Fascismo, é o perigo e a facilidade de ele ser usado exatamente para o oposto daquilo para o qual foi inicialmente designado ou dos pensamentos e ideias professadas por seus líderes. Se é possível estabelecer um amplo movimento clandestino contra judeus, negros e católicos, por que não é igualmente fácil estabelecer um movimento similar contra milionários, maquinarias e o comércio

exterior ou, ainda, contra “anglo-saxões”, protestantes e alemães, ou contra qualquer conjunto de pessoas ou conjunto de ideias que algum grupo particular de pessoas não goste, odeie ou tema? Pode-se dizer que atualmente é possível mobilizar um maior número de pessoas com um ódio comum contra a raça hebraica, a raça negra e a igreja católica do que contra qualquer coisa semelhante; mas isso não é necessariamente verdade e certamente não é verdade em todos os lugares do mundo e nem será verdade em todos os tempos.

Sem dúvida, de todas as armas perigosas que o homem civilizado tentou fazer uso para fazer avançar a cultura humana, a mentira secreta em massa é a mais perigosa e a mais apta a se revelar como um bumerangue. Este é o objeto real que devemos temer na Ku Klux Klan. Não precisamos temer sua lógica. Ela não possui lógica. O que quer que exista de verdade em seu ódio por três grupos de Americanos pode ser discutido abertamente e sem medo por homens civilizados. Se os negros são ignorantes, se o seu trabalho tem menor valor, se são aspirantes pouco saudáveis e preguiçosos à igualdade imerecida, existem simples e bem conhecidas restrições e remédios sociais para isso. Primeiro, melhorar a condição dos negros na medida em que se pode melhorar; e segundo, ensiná-los a razão por trás das objeções à sua elevação na medida em que haja razões; e acima de tudo, examinar minuciosa e honestamente quais são as verdadeiras questões que estão em jogo. Se a hierarquia da igreja católica está de alguma forma ameaçando a democracia na América, há uma oportunidade de se fazer uma investigação aberta e honesta entre esta jovem democracia e aquele velho e honorável governo do espírito dos homens. Se o judeu em legítima defesa contra a perseguição de longa data cerrou o punho contra o mundo, existe mais do que uma chance para apertar aquela mão humana. Em suma, a menos que estejamos dispostos a desistir da civilização humana, a fim de preservá-la, não podemos nem por um momento contemplar os métodos clandestinos e secretos como uma cura para qualquer questão. O aparecimento de tal movimento não justifica que paremos para perguntar se o movimento em si tem objetos louváveis

ou não. Não faz nenhuma diferença reconhecermos pelo que a Ku Klux Klan está lutando a favor ou contra. Seu método é errado, perigoso e nada civilizado; e aqueles que se opõem a ele, quer sejam suas vítimas como os judeus, católicos e negros, ou aqueles que são elogiados como seus patrocinadores morais – como os sulistas brancos, a Legião Americana e os “Anglo-Saxões” – têm o dever de se unir em uma solene frente de batalha contra o método que é uma eterna ameaça à cultura humana.

doi: 10.9771/aa.v0i69.63485